

GÊNEROS DISCURSIVOS E TECNOLOGIAS COGNITIVAS DISCOURSE GENRES AND COGNITIVE TECHNOLOGIES

Raquel Salcedo Gomes⁵⁴
Marcelo Salcedo Gomes⁵⁵
Luciana Kraemer da Silva⁵⁶

RESUMO: O presente texto, de natureza teórico-exploratória, tem por objetivo a proposição de um diálogo entre as reflexões do filósofo da linguagem Michail Bakhtin, com seu delineamento dos gêneros primários e secundários, e a proposta dos três tempos do espírito ligados a diferentes tecnologias cognitivas, conforme concebidos pelo filósofo das humanidades digitais, Pierre Lévy. Aposta-se que o pensamento de ambos os filósofos, embora ligados a campos do saber distintos, possa ser aproximado pela contribuição dos dois no que tange à gestão social do conhecimento, em especial no que se refere aos conceitos de inteligência coletiva, intersubjetividade e complexidade discursiva, conectados com tecnologias linguageiras específicas. A partir da relação entre linguagem, cognição e tecnologias, releva recuperar o pensamento bakhtiniano no que se refere a uma compreensão de linguagem que se dá nos usos, considerando contextos, situações comunicativas, momentos históricos, enfim, dimensões trans e extralinguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Discursivos Primários e Secundários. Tempos do Espírito. Tecnologias da Inteligência. Enunciados. Linguagem e Cognição.

ABSTRACT: This text, of theoretical exploratory nature, aims at proposing a dialogue between the thoughts of the language philosopher Michail Bakhtin, with his idea of primary and secondary speech genres, and the proposal of three ages of spirit connected to different cognitive technologies, as conceived by the philosopher of digital humanities, Pierre Lévy. We bet that the ideas of both philosophers, although connected to distinct fields of knowledge, may be linked together by the contribution of both regarding to knowledge management, specially to what concerns the concepts of collective intelligence, intersubjectivity and discourse complexity, connected to different and particular language technologies. Considering the relation among language, cognition and technologies, it seems to be relevant to resume the thought of Bakhtin, concerning an understanding of language that occurs in its uses, invoking contexts, communicative situations, historical moments and dimensions that are trans and extralinguistic.

KEYWORDS: Primary and Secondary Speech Genres. Ages of the Spirit. Collective Intelligence. Utterances. Language and Cognition.

1 Introdução

O objetivo do presente texto é traçar um paralelo entre teorizações de Pierre Lévy e Michail Bakhtin, correlacionando os três tempos do espírito propostos por Lévy aos gêneros discursivos primários e secundários pensados por Bakhtin. A literatura corrente na linguística reconhece a relevância do conceito de gêneros discursivos tanto para o estudo da linguagem no campo científico como para seu ensino no campo educacional. Entretanto, assinala-se também, o quão pouco Bakhtin detalhou a diferença entre os gêneros primários e secundários e o quanto esse detalhamento superficial do autor deixou margem para especulação de seus leitores e estudiosos posteriores (MARTINS, 2009). Levando esse detalhamento superficial

⁵⁴ Doutora em Linguística Aplicada (UNISINOS) e Informática na Educação (UFRGS). Professora do Departamento Interdisciplinar do Campus Litoral Norte da UFRGS. E-mail: salcedogomes@gmail.com

⁵⁵ Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Jornalista e Psicólogo. E-mail: salcedogomes@gmail.com

⁵⁶ Doutoranda em Informática na Educação pela UFRGS. Professora dos cursos de Jornalismo e Realização Audiovisual da UNISINOS. E-mail: luciana.kraemer@gmail.com

em consideração, procura-se aqui também dialogar com outros cientistas da linguagem que tenham se debruçado sobre a questão. Busca-se, especialmente, abrir espaço para uma discussão tecnológica da linguagem, tomando oralidade, escrita e informática como tecnologias cognitivas ou intelectuais que possibilitaram, primeiramente, distinguir uma transformação na complexidade dos gêneros, a qual Bakhtin identifica quando define-os como primários e secundários.

Em segundo lugar, procura-se discutir como tal passagem, dos gêneros primários aos secundários, pode ter ocorrido, considerando a própria terminologia conceitual bakhtiniana de esferas ou campos da atividade humana. Tal movimento teórico é realizado levando em conta que os campos ou esferas da atividade humana são ou dão-se a ser eles mesmos situados, dinâmicos e ocorrendo em acoplamento às materialidades disponíveis e em uso pelos seres humanos de cada esfera, em seu próprio espaço-tempo. Aposta-se, assim, em uma concepção de linguagem e cognição como diretamente imbricadas uma à outra, fabricando-se e distinguindo-se mutuamente.

2 Os gêneros discursivos primários e secundários de Michail Bakhtin

Na contemporaneidade, o autor considerado como seminal no estudo dos gêneros discursivos é Mikhail Bakhtin. Tendo sido estudados, em boa parte da história da filosofia, principalmente os gêneros literários, Bakhtin amplia tal escopo afirmando que a língua se concretiza pelo uso, por meio de diferentes gêneros. Para ele, os gêneros são tipos de enunciados mais ou menos estáveis que se repetem e diferem, se atualizam nas mais variadas esferas de utilização da linguagem (BAKHTIN, 1997). O emprego da linguagem se dá em forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos participantes de cada esfera da atividade humana. Mas, cada esfera tem seus gêneros, os quais orientam vetores de estabilização de mundos compartilhados nesses domínios languageiros.

As características e formas desses tipos de estabilidade relativa seriam tão heterogêneas quanto as esferas da atividade humana, reiterando e modificando os gêneros à medida em que estes se concretizam em discursos que circulam nas cadeias de enunciados. Cada enunciado refletiria as condições específicas e as finalidades do domínio em que é proferido através da escolha de seu conteúdo temático, ou seja, do assunto abordado, de seu estilo, isto é, da seleção operada nos recursos da linguagem, e de sua construção composicional, que marca seu modo de atualização ou colocação em presença enquanto unidade discursiva (GOMES & KRAEMER, 2017).

Reunidos em tipos de enunciados atrelados a domínios languageiros específicos, os gêneros podem ser, para Bakhtin, da mesma forma, variados, e podem ser gerados tantos novos gêneros quantas novas esferas ou domínios de ação. Ao discutir a questão dos gêneros do discurso, Bakhtin (1997) distingue os gêneros primários, ligados à oralidade e aos contextos imediatos de enunciação, dos gêneros secundários, mais complexos e vinculados principalmente à escrita.

Os gêneros secundários seriam complexos, para Bakhtin, exatamente porque incorporam e reelaboram gêneros primários simples, os quais se formaram nas condições de comunicação discursiva imediata. Assim, os gêneros secundários seriam derivações dos primários, complexificações desses, ao deles se apropriarem na elaboração de outras situações comunicativas, que prevêm distanciamentos do contexto imediato e variações nos modos de concretização dos discursos. Os modos de acabamento desses gêneros também seriam diferentes, pois, em vez de pautados pela alternância dos turnos de fala dados pela experiência vivida no aqui e agora, exigiriam dos interlocutores tanto a construção como a reconstrução de subcontextos interiores ao contexto.

Também poderia se pensar que os gêneros complexos comportam maior pluralidade de conteúdos temáticos, estilos e construções composicionais em seu interior, perfazendo e reunindo uma diversidade maior de assuntos, de modos de enunciá-los e de discursivizá-los. Mas Bakhtin reitera que são caracterizados por sua perda do vínculo imediato com a realidade concreta e com os enunciados reais alheios. Poder-se-ia afirmar que tais gêneros favorecem a criação de realidades plurais, que podem ser postas em discurso de maneiras e em ordens variadas, dialogando com outros enunciados de formas também variadas, a eles respondendo.

Bakhtin deixa claro que todo enunciado é um elo em uma cadeia responsiva de enunciados, de modo que nenhum enunciado ocorre no vazio, mas sempre de modo intersubjetivo e encadeado. O que os gêneros secundários possibilitam é uma complexificação dos modos de responsividade, e pode-se pensar a própria tecnologia da escrita aí, como instrumento que permite responder a enunciados mais distantes no tempo e no espaço, correspondendo a uma complexificação das esferas da atividade humana. A escrita permite uma responsividade a enunciados de enunciados, como que se agarrando ao enunciado original ou refazendo-o de maneira parafrástica, possibilitando reorganizar os enunciados dos enunciados em ordenamentos vários, multiplicando as condições de intertextualidade e os modos de reconstrução dos contextos.

Ao trazer como exemplos a presença de diálogos do cotidiano ou da carta no romance, Bakhtin demonstra como os temas, os estilos e as construções composicionais podem ser pluralizados, editados e reordenados em gêneros interiores a um mesmo gênero, potência da escrita que possibilita o congelamento de enunciados dentro de enunciados maiores, produzindo contextos e sujeitos de linguagem em discursos interiores a outros discursos, (re)compondo-os.

Releva ressaltar que o objeto de estudo de interesse de Bakhtin parece ser, quando se refere aos gêneros do discurso, a natureza do enunciado, a qual, para ele, deve ser descoberta e definida por meio da análise de gêneros discursivos tanto primários como secundários, cuja distinção entre simples e complexos parece ser essencial no delineamento epistemológico e metodológico do estudo do objeto. Para Bakhtin, é apenas sob essa condição que se pode vir a definir adequadamente a natureza complexa e profunda do enunciado, abrangendo suas facetas mais importantes, que são constituídas também pela própria relação mútua entre os gêneros primários e secundários e seu processo de formação histórica.

Um elemento que parece fundamental para o estudo da natureza dos gêneros primários e secundários e sua relação com a própria natureza do enunciado parece residir na relevância que Bakhtin atribui à característica intersubjetiva da linguagem. Por sua responsividade, os gêneros caracterizam-se por essa paradoxal capacidade de abertura e fechamento. Eles se acoplam a um campo ou esfera da atividade humana, ao mesmo tempo em que lhe permitem abertura, pela necessidade intersubjetiva de continuação das respostas na cadeia dos discursos.

Assim, para o autor, a língua constrói-se e se mantém no uso, através de gêneros que são relativamente os mesmos, mas que são também subvertidos e transformados nesses mesmos usos. Zavam (2012) explora a natureza dos gêneros como de transmutação, pela constante inovação e criação de novos gêneros e modificação em seu interior. O emprego, pelo filósofo russo, da ideia de cadeia de enunciados deixa ver essa noção da natureza social da linguagem, concretizando-se entre os sujeitos, constituindo-os e sendo por eles constituída.

3 Algumas reflexões teóricas de outros autores sobre os gêneros primários e secundários bakhtinianos

Dada a potencialidade da noção de gêneros e seu inacabamento no próprio discurso bakhtiniano, diversos estudiosos têm se debruçado sobre o conceito, o qual tem sido especialmente produtivo no Brasil, chegando inclusive aos documentos oficiais das políticas educacionais. A noção de gêneros passou a instituir um novo paradigma para o ensino de línguas no país, o qual tem sido reestruturado e delineado, atualmente, em torno da ideia de

sequências didáticas ou unidades didáticas de gênero, graças aos trabalhos, principalmente, em linguística aplicada.

O ensino de línguas tem sido projetado tendo como ponto de partida, em cada unidade didática, um gênero, sobre o qual precisam ser estudadas as características fundamentais, em sua conexão com seu contexto de uso para, processualmente, chegar-se até sua estrutura linguística. Brait (2016, p. 11), ao discutir o trabalho de Bakhtin e seu Círculo, aponta que, para eles,

[...] gênero é o conjunto dos modos de orientação coletiva dentro da realidade e concluindo que, por meio do gênero, é possível compreender novos aspectos da realidade, ou, em outras palavras, a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo da comunicação, ligados de forma estreita ao pensar [...]

Desse modo, a autora reitera a necessidade, para a compreensão linguística, de partir, no estudo da língua, não do sistema em si mesmo, desvinculado de seu universo de uso, mas de seus usos, dentro das esferas de ação, para alcançar a língua posteriormente.

Na reflexão sobre os gêneros, é possível pensar sua distinção entre primários e secundários como sendo uma distinção entre a esfera pública e a privada ou entre contextos domésticos e contextos institucionais. Tal ideia parece insuficiente para ir ao encontro do que Bakhtin propôs. Pode-se concluir que há gêneros primários, ligados a contextos imediatos de ação na esfera pública, bem como que há gêneros secundários, vinculados a contextos complexos, na vida privada.

Martins (2009) pontua que há gêneros primários ligados tanto a esferas privadas como públicas e vice-versa, de modo que toma esse paralelo entre público e privado para a distinção dos gêneros como simplista. Para ela, há também gêneros primários que são tanto escritos como orais, como o diálogo cotidiano e a carta pessoal, bem como gêneros secundários ou complexos, da mesma forma.

Um cotejo teórico que tem sido feito no sentido dos gêneros primários e secundários de Bakhtin dá-se com a obra do psicólogo do desenvolvimento Lev Vygotsky (SZUNDY, 2006). Martins (2009), por exemplo, correlaciona os gêneros primários e secundários bakhtinianos aos conceitos espontâneos e científicos distinguidos por Vygotsky. Traçando um paralelo entre os gêneros primários e secundários nos aspectos do desenvolvimento e da aprendizagem, a autora observa que os gêneros primários podem relacionar-se aos conceitos espontâneos advogados por Vygotsky, enquanto os gêneros secundários se aproximariam dos conceitos científicos.

Rojo (2001), ao relatar uma pesquisa de utilização dos gêneros do discurso no ensino, afirma que o papel da escola, no ensino de língua materna, poderia estar atrelado ao ensino dos gêneros secundários, visto que os gêneros primários já seriam dominados pelos alunos que ingressam na instituição escolar.

Tais reflexões realizadas por leitores de Bakhtin, deixam ver a importância do papel da escrita enquanto tecnologia para complexificação dos gêneros, embora possam haver ainda gêneros complexos orais e gêneros simples escritos. Mas se a escrita não é o parâmetro absoluto para a distinção entre gêneros primários e secundários, como seu papel pode ser concebido para a complexificação dos gêneros, de um modo não absoluto, mas conectado com as esferas da atividade humana?

Apostamos que a escrita, enquanto tecnologia cognitiva, contribuiu para a complexificação das próprias esferas, tornando a sociedade mais complexa e, partir daí, contribuindo para a distinção entre gêneros primários e secundários. Nesse sentido, o trabalho de Pierre Lévy pode auxiliar em uma reflexão sobre os modos de gestão humana dos conhecimentos e da comunicação.

4 Os três tempos do espírito de Pierre Lévy

Uma das grandes contribuições de Lévy ao discutir a constituição da inteligência ao longo das transformações tecnológicas, é concebê-la em seu caráter intersubjetivo. Mas aqui, o intersubjetivo não significa dimensionar o outro levando em conta apenas os agentes como sujeitos humanos. A subjetivação não pode ser compreendida como algo redutível ao aspecto individual, da ordem do sentimento, ou do que se passa na mente humana. As subjetividades são fabricadas na circularidade dos modos de ser, produzir, viver, e envolvem uma série de agenciamentos sociais e técnicos. Não é possível pensar apenas numa “versão puramente ergonômica e funcional da relação entre humanos e computadores” (LÉVY, 1998, p. 56), as máquinas ou os programas envolvem uma estética, uma dimensão de criação e emoção. Ao perguntar, “quem pensa em nós”, o autor coloca em xeque a hegemonia do eu na constituição das nossas cognições e abre a possibilidade de pensar - por outro lado - o quanto a técnica pode participar não apenas da ordem simbólica e cultural, remetendo ao aspecto ontológico do saber. Não há como separar a técnica do homem, da linguagem, dos símbolos, dos valores.

Para Lévy, nenhum tipo de conhecimento é independente do uso das tecnologias intelectuais, sendo que uma tecnologia da inteligência ou cognitiva é uma tecnologia que reorganiza "de uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários" (1998, p. 33), modificando seus reflexos mentais e os circuitos de comunicação e de decisão nas organizações e nos coletivos. Assim, uma tecnologia intelectual pode modular a cognição humana, condicionando seu modo de funcionamento, sem, no entanto, determiná-lo.

No capítulo de seu livro *Tecnologias da Inteligência* intitulado *Os três tempos do espírito*, Lévy (1998) discute como três importantes tecnologias da inteligência, a saber: a oralidade, a escrita e a informática, reorganizaram radicalmente os modos cognitivos de funcionamento do pensamento humano. É interessante considerar que, para Lévy, a própria oralidade, ou habilidade de linguajar, é concebida como uma tecnologia. Essa visão é suportada por certos autores dentro e fora da linguística (DASCAL, 2002; MUFWENE, 2013). Para eles, o ser humano, ao modular gestos e sons com uma finalidade semiótica de coordenação de ações, em uma concepção evolutiva do surgimento da linguagem, criou uma tecnologia intersubjetiva que funciona em acoplamento aos próprios corpos.

Essa visão afasta-se da discussão filosófica sobre a dicotomia da origem da linguagem como inata X adquirida, posto que a capacidade de verbalizar ou linguajar seria, de certa forma, ambas. De um lado, os seres humanos adquiriram intersubjetivamente, pela coordenação de ações recorrentes, a habilidade de trocar signos que remetem a algo exterior à própria troca de signos, o que denominamos linguagem. Por outro lado, a própria recorrência do uso dessa capacidade teria modificado nosso organismo de modo a deixar “pronto” nosso aparelho fonador, desde o nascimento, para o desenvolvimento dessa habilidade. Os bebês, ao nascerem, já balbuciam sons que, na interação com seus cuidadores mais próximos, vão sendo modulados e retransformados em signos que um observador denomina como pertencentes à língua compartilhada pelos cuidadores.

No que se refere à escrita, seu caráter tecnológico é mais evidente do que o da fala. Para Lévy, a escrita constituiria-se como oralidade secundária, ou seja, um segundo nível da fala ou oralidade primária, modulado pelo suporte, o qual, assim como pressupõe Bakhtin, possibilita distanciamento entre os interlocutores, sem vínculo estreito com o contexto imediato da enunciação.

A informática comporia um terceiro tempo cognitivo ou do espírito para Lévy, um tempo que conjuga oralidade primária e secundária, ou seja, a escrita, em um outro suporte, o suporte digital, gerando outras modulações e transformações cognitivas.

É possível observar que a preocupação de Bakhtin gira em torno da natureza dos discursos e do enunciado. Para Lévy, por sua vez, importa o estudo da circulação do conhecimento, da comunicação. O filósofo francês ocupa-se em demonstrar que o

conhecimento não está na cabeça ou nos cérebros dos seres inteligentes, mas circulando entre eles, com eles, perpassando também as tecnologias que utilizam.

Para Lévy, a oralidade primária foi o tempo da memória circular, em que todos os saberes eram transmitidos entre os falantes em forma de narrativas, que se repetiam e que eram modificadas com o uso, caracterizando o que hoje denominamos mito. Já o tempo da escrita foi caracterizado por um processo de linearização do conhecimento, sua sistematização, organização que permitiu a invenção da história, da filosofia e das ciências.

Estaríamos agora, para Lévy, vivendo um terceiro tempo, o da informática, cujo saber se caracteriza por sua eficiência no tempo real, pela simulação, pela velocidade. Interessante notar que, para Lévy, cada tempo do espírito representa uma complexificação do pensamento, do mesmo modo que, para Bakhtin, os gêneros secundários seriam mais complexos que os primários. Para o filósofo das humanidades digitais, cada tempo teria apenas ressaltado características diferentes, pelas tecnologias que lhe serviram de base na gestão do conhecimento, mas é possível pensar que tais características exigiriam uma complexificação dos modos discursivos, pelas possibilidades de imbricação, intercalação e superposição entre os gêneros.

5 Paralelos entre os tempos do espírito e os gêneros discursivos

É considerando que, para Bakhtin, os gêneros complexos estariam mais atrelados à escrita, que é possível tomar esta tecnologia cognitiva como propulsora da criação de novas esferas da atividade humana ou, ao menos, como apoiadora da complexificação de algumas dessas esferas. Se tomarmos, por exemplo, a distinção entre gêneros primários e secundários como de caráter respectivamente doméstico ou público, podemos argumentar que certa distinção entre o público e o privado já operava em sociedade ágrafas por meio de rituais, cantos e cerimônias que marcavam a diferenciação dos papéis de determinados membros da sociedade na coletividade.

A questão do contexto imediato da enunciação também pode ser discutida em uma perspectiva da escrita como tecnologia cognitiva. Não há dúvida que a escrita possibilitou a manutenção da memória em um suporte material que permite a separação espaço-temporal entre enunciador e enunciatário. No entanto, há gêneros discursivos escritos em que a situação de enunciação prevê um contexto imediato, como por exemplo, a troca de bilhetes por estudantes em sala de aula, quando a atividade proposta pelo professor exige silêncio entre os alunos, ou em diversas situações em que se escreve para que o texto seja mostrado ao enunciatário imediatamente. O que diríamos então dos milhões de mensagens que circulam nas redes sociais diariamente, muitas das quais são lidas e respondidas quase que instantaneamente?

Portanto, pode-se pensar essa complexificação na transmutação dos gêneros primários aos secundários tomando em consideração as pistas teóricas de Lévy, como uma complexificação dos próprios processos cognitivos nos modos discursivos apoiados por tecnologias. Nesse sentido, o diálogo teórico aqui realizado não entra em contrariedade, mas alinha-se ao pensamento do psicólogo do desenvolvimento Lev Vygotsky, para quem os processos cognitivos ocorrem por mediações de diferentes artefatos culturais, inclusive ou, principalmente, aqueles de caráter semiótico.

Para Bakhtin, os gêneros discursivos, em sua pluralidade, estão estreitamente vinculados a seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. Uma das hipóteses com as quais trabalhamos é a de que esses aspectos dos gêneros discursivos são influenciados pelas tecnologias intelectuais ou cognitivas em que são produzidos.

Os gêneros estão ligados a situações sociais de interação. Mudanças nas situações sociais acarretará em mudanças nos gêneros, conforme aponta Rodrigues (2004). As situações

sociais de interação são mediadas por diferentes tecnologias cognitivas, as quais condicionam o uso da linguagem. O enunciado é composto também por sua dimensão social, incluindo o tempo e o espaço histórico e os participantes da interação. Para Bakhtin, os gêneros primários não são sistematizados como os secundários (RODRIGUES, 2004). Apostamos que essa sistematização se relaciona à escrita enquanto tecnologia cognitiva que permite uma linearização da memória, distanciamento espaço-tempo e exigência da construção e reconstrução dos contextos entre enunciadore e enunciatários.

No que concerne a estarmos vivendo agora um terceiro tempo do espírito em sua relação com gêneros discursivos terciários, Xavier e Santos (2009, p. 53) levantam a hipótese:

Tal como a escrita reorganizou as funções sócio-comunicativas da fala e, conseqüentemente, permitiu a emergência de vários outros gêneros do discurso inexistentes até então, sem negar, anular ou substituir os gêneros anteriores, parece-me razoável conjecturar que: as novas tecnologias de comunicação, especificamente a Hipermídia e o seu produto linguístico mais significativo, o Hipertexto, possibilitam o surgimento de gêneros textuais/discursivos híbridos, isto é, que fundem gêneros primários e secundários entre si num mesmo suporte físico, cujo resultado é um gênero do discurso de terceira ordem, que, na esteira da classificação bakhtiniana, se poderia denominar de GÊNERO TERCIÁRIO DO DISCURSO.

Para os autores, o hipertexto digital, enquanto espaço de escrita, constitui-se a partir de traços característicos dos gêneros anteriores, primários e secundários, de modo que o hipertexto tende a promover ao menos três operações modificadoras nos gêneros do discurso: a) a reconfiguração das formatações tradicionais da escrita; b) a superposição de sistemas semióticos e; c) a complexificação das funções sócio-comunicativas dos gêneros anteriores.

Conforme Xavier e Santos (2009, p. 56), “retrabalhados e reaproveitados diferentemente, os elementos da escrita e de outras linguagens não-verbais, o gênero terciário de natureza hipertextual mistura várias funções sócio-comunicativas dos diversos gêneros discursivos ligados à fala e à escrita.” Nesse sentido, os autores concordam conosco no que diz respeito ao papel da escrita e da informática como mais do que meros suportes para o uso da linguagem. Uma vez que se configuram como espaço múltiplo de enunciações possíveis, escrita e informática reorganizariam os próprios usos da linguagem, interferindo nas esferas da atividade humana e reconfigurando os gêneros do discurso, possibilitando a criação de novos gêneros e a transmutação dos antigos.

É importante ressaltar que, para Lévy, a própria cognição humana é concebida através da metáfora inventiva (GOMES, 2017) do hipertexto. A cognição operaria como uma rede complexa, entrelaçando saberes prévios e atuais, situados em contextos específicos e marcados por interlocutores e tecnologias cognitivas.

6 Considerações de finalização

Um dos aspectos a serem sinalizados ao fim da presente discussão é a multiplicidade de enfoques que a filosofia bakhtiniana possibilita, deixando vãos abertos para o diálogo com outras disciplinas e perspectivas teóricas e epistemológicas (como, por exemplo, a comunicação e a informática). Como afirma Rodrigues (2004), seu objetivo não era o de construir aparatos, modelos teóricos, mas levantar discussões. Sua filosofia da linguagem pode ser adjetivada, nesse sentido, como polifônica e dialógica em si mesma. Bakhtin não explicitou a relação dos gêneros discursivos com as tecnologias, mas ao registrar a relação estreita dos gêneros secundários com a escrita, abriu caminho para a reflexão sobre o quanto tais tecnologias influenciam os modos humanos de constituir-se cognitivamente.

Atenta-se aqui para um estudo dos gêneros discursivos em sua distinção entre primários, secundários e, quem sabe, terciários (XAVIER & SANTOS, 2009), em seu imbricamento com as tecnologias e a cognição. Esses terceiros gêneros, cuja principal marca é a digitalidade, englobariam não apenas a linguagem escrita, mas também as chamadas audiovisuais. Quando Bakhtin formulou suas teses sobre a linguagem, o suporte material no qual circulava o conhecimento residia no texto escrito. Hoje, habitamos em um mundo no qual o “dispositivo interacional de referência” (BRAGA, 2011) passa a ser a mídia (embora as instituições, como a justiça, os governos, a universidade, mantenham o texto escrito como o elemento estabilizador da cultura, tal como a conhecemos). Em especial, desde o final do século passado, as mídias digitais tornaram-se importantes plataformas globais. Nelas, um outro tipo de texto lato sensu (entendido aqui como sistema de signos organizados de forma a produzir significações mais ou menos estáveis) recupera aspectos importantes da oralidade.

Também, através da hipermídia e do hipertexto, como aponta Lévy, ocorre a ampliação de formas languageiras que hibridizam o verbal e o não-verbal, com a importância que têm na sociedade atual a fotografia, o vídeo, a computação gráfica etc. Assim como Walter Benjamin (1989) notara uma mudança da percepção sobre o que seria a arte com o advento e popularização do cinema, parece estar em curso uma mudança de percepção humana do uso da linguagem com a disseminação das tecnologias digitais, as quais transmutam o modo intersubjetivo de gestão do conhecimento e interrelação entre os três tempos do espírito e suas tecnologias cognitivas, como advoga Pierre Lévy.

Daí a importância da recuperação do pensamento bakhtiniano no que se refere a uma compreensão de linguagem que se dá nos usos, considerando contextos, situações comunicativas, momentos históricos, enfim, dimensões trans e extralinguísticas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Michail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria E. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011.
- BRAIT, Beth. **Dialogismo e polifonia em Michail Bakhtin e o círculo: dez obras fundamentais**. São Paulo: FFLCH/USP, 2016.
- DASCAL, Marcelo. Language as a cognitive technology. **International Journal of Cognition and Technology**, Vol. 1, p. 35-61, 2002.
- GOMES, Raquel Salcedo. KRAEMER, Luciana. O metadocumentário como tecnologia de problematização de si e do mundo. In: Cleci Maraschin; Renata Kroeff; Póti Gavillon. (Org.). **Oficinando com jogos digitais: experiências de aprendizagem inventiva**. 1a ed. Curitiba: CRV, p. 209-228, 2017.
- _____. **Linguajando com tecnologias móveis: a metáfora na cognição inventiva**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Informática na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.
- LÉVY, Pierre. **Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: editora 34, 1998.
- MARTINS, Maria Sílvia Cintra. Hibridismo e plasticidade na constituição dos gêneros do discurso. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Vol. 48, N. 1, p. 23-49, Campinas, Jan/Jun, 2009.

MUFWENE, Salikoko Sangol. Language as Technology: Some questions that evolutionary linguistics should address. In: LOHNDAL, Terje. **In search of Universal Grammar: From Norse to Zoque**. John Benjamins, 2013.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

ROJO, Roxane. A teoria dos gêneros em Bakhtin: construindo uma perspectiva enunciativa para o ensino de compreensão e produção de textos na escola. In: BRAIT, Beth. **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas: Pontes, 2001.

SZUNDY, Paula Tatiane Carréra. Scientific and spontaneous concepts, primary and secondary genres, behavioral and crystalized ideologies: possible interrelations and educational implications. **The ESpecialist**, vol. 27, nº 2 (213-233), 2006.

XAVIER, Antonio Carlos; SANTOS, Carmi Ferraz. O texto eletrônico e os gêneros do discurso. **Veredas**, Revista de Estudos Linguísticos, v. 4, n. 1, p. 51-57, 2009.

ZAVAM, Aurea. Transmutação: criação e inovação nos gêneros do discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 251-271, jan./abr. 2012.